

A MEMÓRIA DO MODERNISMO NAS CARTAS DE CÂMARA CASCUDO E JOAQUIM INOJOSA: ANO 1968

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)
hharauj@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho de análise da correspondência entre Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) e Joaquim Inojosa de Andrade (1901-1987) é resultado da pesquisa *Consciência moderna e movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*¹, que foi realizada como atividade do Estágio de Pós-Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada / FFLCH - Universidade de São Paulo-USP.

Os originais das cartas pertencem à *Fundação Casa de Rui Barbosa*, localizada no Rio de Janeiro, como parte do Arquivo – Museu de Literatura Brasileira, formando a “Coleção Joaquim Inojosa - séries: correspondência pessoal”, documentos que foram doados pelo titular em testamento. Em complemento a essa documentação, a família de Câmara Cascudo mantém, no *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo*, localizado na cidade do Natal, a correspondência enviada por Joaquim Inojosa ao escritor potiguar

A pesquisa localizou nos acervos referidos um total de 66 documentos, entre cartas e cartões-postais, que formam dois grandes blocos de correspondências. O primeiro é composto de cartas trocadas ao longo dos anos de 1920, no auge da divulgação do movimento modernista brasileiro. O segundo, por sua vez, é composto de cartas trocadas entre os anos de 1968 e 1984, o período em que os dois missivistas publicaram livros relacionados à memória daquele movimento (*O movimento modernista em Pernambuco*, de Joaquim Inojosa, 1968-1969; *Gente viva*, de Câmara Cascudo, 1970).

Para a compreensão do conjunto de cartas, dos seus dois grandes blocos, fizeram-se necessárias também as atividades de sistematização e de análise da bibliografia disponível sobre a presença do gênero epistolar na literatura brasileira, no contexto da nossa modernidade, tomando como ponto de partida estudos já realizados sobre a correspondência de Mário de Andrade e de Câmara Cascudo².

Quanto ao segundo bloco, a discussão ocorreu em torno da história construída, na forma de memórias pessoais e de apresentação de documentos, sobre esse movimento literário e cultural do Brasil, com prioridade para a versão das personagens diretamente envolvidas nos acontecimentos. Tais personagens, de maneiras distintas, podem ser identificadas como testemunhas interessadas em ocupar um lugar no cânone modernista.

Mesmo constituindo diálogos entre épocas distintas, os dois blocos de cartas têm em comum a temática do modernismo relacionada ao seu aspecto da monumentalização³ dos missivistas. As cartas escritas na maturidade dos dois missivistas são contemporâneas do surgimento, ao longo dos anos de 1970, de um grande interesse acadêmico pelo estudo do modernismo brasileiro. Nesse sentido, os dois intelectuais missivistas se apresentavam como testemunhas e sujeitos do movimento.

O ponto de partida das discussões sobre o movimento modernista implicado na correspondência examinada tem com eixo central as questões provenientes da noção de

¹ Vincula-se, também, aos resultados do projeto “Arquivos de correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte” (Edital Universal – MCT/CNPq – nº 14/2010).

² Especialmente os estudos de Gomes (1999), Byington (2001; 2005) e Moraes (2010).

³ Sobre a monumentalização de Câmara Cascudo, cf. os estudos de Furtado (2004) e Sales Neto (2009).

sistema literário desenvolvida por Antonio Candido no livro *Formação da Literatura Brasileira* (1975). Com tal abrangência, a leitura crítica do material tem o objetivo mais amplo de identificar temas e tensões dominantes na literatura brasileira, de modo a caracterizar situações nas quais as tradições regionais interagem no processo de construção do sistema literário nacional.

A leitura dessas missivas instigou o interesse em reconstruir a situação da ruptura moderna acontecida na região Nordeste e no Brasil, sobretudo ao longo dos anos de 1920, quando o regionalismo nordestino servia de contraponto tradicional à vanguarda artística do momento, como demonstra Azevêdo (1984).

Iluminaram essas discussões, no projeto concluído, o pensamento de autores que se fundamentam em correntes teóricas relacionadas aos pensadores chamados de “hegelianos de esquerda” – autores como Habermas (2002), Adorno (2003), Benjamin (1985), Schwarz (1987) e Candido (1980), os principais sujeitos norteadores da posição crítica da leitura do conjunto de missivas elencado. Tal escolha implicou em considerações sobre a questão da Modernidade a partir da vasta bibliografia existente, sobretudo no que diz respeito à “posição exposta dos intelectuais em contexto intersubjetivo” (HABERMAS, 2002), com o objetivo de analisar, inclusive, a fortuna crítica referente ao estudo do modernismo e do regionalismo no Nordeste, verificando também os posicionamentos teóricos dos seus críticos.

2. O modernismo como uma construção da memória

A análise da situação da região Nordeste em relação aos dois principais centros culturais do país revela o papel dos produtores literários e culturais nessa relação, demonstrando que a influência e a pressão dos grandes centros nacionais não desaguavam, necessariamente, em uma via de mão única. Se havia, até certo ponto, a adoção do ritmo desses centros como modelos, havia também a disponibilidade dos modelos estrangeiros sem a mediação paulista ou carioca. Havia, mais do que a abertura à diversidade de modelos referidos, a matéria brasileira como força motriz inerente à tradição regional e passível de adaptação ao processo formativo moderno de então. Neste sentido, o centro e a periferia seriam capazes de, numa relação dialética, caracterizar determinadas linhas de forças que só aparentemente surgiriam como produtos diretos daquelas influências centrais.

A leitura de estudos sobre a história e a vida literária brasileiras permitiu contextualizar a série de documentos analisados, dando um sentido amplo às tensões que o discurso epistolar revelou, fazendo com que a dialogicidade interna, nos termos delimitados por Mikhail Bakhtin (1988, p. 92), refletisse as discussões dominantes da época em questão. Para aplicar essa categoria na análise do discurso das missivas, recorreu-se à noção de “compreensão ativa”, que supõe invariavelmente o discurso de outrem, considerando-se o princípio de que a compreensão somente amadurece na atitude responsiva (BAKHTIN, 1988).

Nesta perspectiva, a análise dos documentos escritos no ano de 1968 considerou as cartas como produtos da memória dos dois intelectuais que, na velhice, construía uma história sobre o movimento modernista no Nordeste. Situados em espaços distintos (Joaquim Inojosa; no Rio de Janeiro, Câmara Cascudo, em Natal) e com trajetórias intelectuais também distintas, os dois amigos se reencontram por meio das missivas, com o objetivo comum de reviver os anos pernambucanos da campanha modernista.

Na segunda fase da correspondência, os seus autores estão situados em condições diversas: Câmara Cascudo é um ícone brasileiro dos estudos tradicionais

sobre o folclore; Joaquim Inojosa é um autor desconhecido do público, embora goze de prestígio entre os intelectuais remanescentes do movimento modernista. Àquela altura já estava escrita a história do modernismo, mas o interesse pela pesquisa, na universidade, provocou o ressurgimento de novos elementos que permitiram uma descentralização da história para além do eixo Rio-São Paulo⁴.

Nessa nova conjuntura, Joaquim Inojosa parece lutar com todas as forças para garantir um lugar na historiografia do modernismo que, segundo se depreende das suas memórias, estaria sendo usurpado por Gilberto Freyre.

Em *O movimento modernista em Pernambuco* (1968-1969), Inojosa esclarece que tem o objetivo de, ao relatar os fatos, não deixar se perder, “pela inclemência do tempo ou propósitos suspeitos” (p.31), a notícia de um acontecimento que considera decisivo na vida intelectual de Pernambuco.

De algum modo, o aparecimento de *O movimento modernista em Pernambuco* desequilibra a rotina do já velho folclorista Câmara Cascudo, que talvez não se preocupasse mais com aquele passado determinante da sua formação intelectual. O tom da sua escrita, nas cartas endereçadas a Inojosa, é saudosista ao puxar da memória, realçando com o efeito estético das reticências, os tempos imemoriais: elogia a “previdente meticulosidade” do amigo que recolheu “as folhas que o vento inspirador arrancava de nossos nervos juvenis...”. Confessa-se deliciado ao “reler e voltar ao ritmo daqueles meses inesquecíveis e tumultuosos, jamais repetidos sob o Céu pernambucano”.

Nessa perspectiva, surge a ótica de encarar o modernismo como uma campanha de “meses” agitados que passam a ser revistos a partir de um ato heróico: Inojosa é nomeado de “curisco acendedor da coivara”. Num efeito de Fênix, o modernismo é revivido e monumentalizado: “As cinzas, graças a V., viraram cimento, monumento, arranha-ceu”, escreve o escritor natalense em papel timbrado do Hospital das Clínicas (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), onde estava internado para um *check-up*, segundo ele, em “repouso e vigilância na base de cavilação e dengo”. O assunto principal dessa primeira carta dos anos sessenta (Câmara Cascudo, 29 maio 1968), com um único e extenso parágrafo, datilografado, é a sua recepção de *O movimento modernista em Pernambuco*, cujos dois primeiros volumes haviam sido publicados recentemente. O impacto causado pelo livro, na sua reconstituição da história do modernismo, é revelado:

(...) agiu como dose maciça de proteína.

(...) recarregou as baterias na viagem inesperada aos 26 anos, aspirando clima de quarta dimensão.

Nada (...) enfrente seus dois tomos faiscantes e perturbadores do meu metabolismo basal. Encanto, Inojosa! (CC, 29 maio 1968).

A resposta de Joaquim Inojosa é também reveladora desse tom impactante:

Se o meu livro lhe entrou no quarto de hospital como “dose maciça de proteína”, a sua carta me arrebatou as janelas da casa de solitário, numa tempestade de emoção, e arejou tudo, alma, coração, mente, biblioteca, a vida, enfim... (JI, 21 jul. 1968).

⁴ A exemplo dos estudos: *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*, de José Aderaldo Castello (1961) e *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para seu estudo*, de Ligia Chiappini Moraes Leite (1972).

Na pesquisa realizada, foram identificados quatro documentos datados do ano de 1968, sendo duas cartas de autoria de cada um dos missivistas, as quais formam uma pequena série em diálogo. O início da série se dá em 29 de maio daquele ano, com uma carta enviada por Câmara Cascudo, terminando em 14 de outubro com uma carta-resposta de Joaquim Inojosa. Além da ênfase no assunto principal dos quatro documentos – o livro *O movimento modernista em Pernambuco* –, as cartas de Joaquim Inojosa ressaltam a polêmica criada por ele em torno da publicação, em 1952, do *Manifesto Regionalista de 1926*.

Segundo Inojosa, em carta de 21 de julho de 1968, o manifesto publicado em 1952 é um documento falso, uma fraude literária, cujos detalhes constam de uma Separata que o missivista enviou para o amigo natalense pelo correio⁵. Câmara Cascudo parece evitar um posicionamento explícito sobre a polêmica, mas sugere uma concordância com o amigo, quando se expressa: “(...) é tempo de acertar os dois ponteiros e pôr a procissão na rua” (CC, 24 jul. 1968). Sobre essa polêmica, existem já dois importantes estudos conclusivos. O primeiro deles, de Neroaldo Pontes de Azevêdo (1984, p. 153), conclui:

Ressalvado o caráter altamente polêmico das publicações de Inojosa, particularmente quando se refere ao regionalismo, fica provado que o manifesto, tal como se conhece, foi elaborado em 1952.

(...)

É preciso que se diga que muitas das idéias expostas no *Manifesto regionalista de 1926* foram divulgadas em artigos pela imprensa da época. (...) Assim, as idéias de Gilberto Freyre, expressas na década de 20, devem ser buscadas nessas colaborações e não no *Manifesto regionalista de 1926*, que é texto de 1952.

O segundo estudo, de Antonio Dimas, toma como ponto de partida a sistematização de Neroaldo Pontes sobre o Modernismo e o Regionalismo em Pernambuco e resume:

(...) logo que saiu a primeira edição desse manifesto, em 1952, Gilberto Freyre garantia que só então pudera retomar para publicação um texto que já estava pronto em 1926, por ocasião do Congresso Regionalista. Em 1965, Wilson Martins desconfiou da autenticidade dessa afirmação e em 1968 Joaquim Inojosa provocou um “J’accuse” através de uma obra farta de documentação, mas mal estruturada e desengonçada, cujos três volumes se chamam *O movimento modernista em Pernambuco*. Depois destes volumes, Inojosa voltou à carga de novo, com dois outros libelos tão desajeitados quanto o primeiro: *Pá de cal* (1978) e *Sursum corda!* (1981).

Tudo indica que, de fato, Gilberto maquilara seu passado, neste caso, e que Inojosa tem razão. No entanto, não são suas peças acusatórias, de indisfarçável desordem e alta promiscuidade documental, que haverão de golpear a inteireza e a pertinência da proposta de Gilberto, mesmo que tradicionalista e/ou retocada. (DIMAS, 2004).

⁵ **No pomar vizinho**, publicada em 1968 e incluída como documento anexo de *Carro alegórico*: nova resposta a Gilberto Freyre (INOJOSA, 1973, p. 189-200).

A obsessão cronológica e nominalista de Inojosa faz sentido quando a percebemos dentro de um contexto de vaidades ofendidas e modeladas em jargão provinciano. Inojosa ofende-se porque embaçaram-lhe a glória que lhe foi surrupiada, a glória de ter sido embaixador intelectual junto à corte modernista em 1922 (...). (DIMAS, 2004).

Inojosa se injuria porque sua carta sobre *A arte moderna*, embora publicada em julho de 1924 na revista *Era Nova* da Paraíba, não conseguiu a repercussão que o Manifesto de Gilberto conseguiria mais tarde, mesmo que sob efeito retroativo. (DIMAS, 2004).

Na avaliação de Antonio Dimas, a atitude deslumbrada de Inojosa como divulgador acrítico do modernismo paulista “tornara-se forte inconveniência num contexto intelectual que batalhava pela sua auto-afirmação”. Para Dimas, o índice de adesão do pernambucano ao modernismo se revela como altíssimo na perspectiva de apresentação do livro *O Movimento modernista em Pernambuco*, onde ainda perdura a atitude adésista:

Se tantos anos depois do evento, o que ainda perdura é uma atitude submissa e embasbacada de quem se sentira digno de se aproximar dos pontífices máximos do modernismo paulista, pode-se imaginar como operaram esses sentimentos no momento em que brotaram dentro de um ambiente que se preparava para a “unificação da vida cultural nordestina”, para a “defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste, do patrimônio artístico e dos monumentos históricos” e para a “reconstituição de festas e jogos tradicionais (...) (DIMAS, 2004).

A conclusão do estudo de Antonio Dimas aponta para uma relativização do falseamento da data do manifesto regionalista, tendo em vista as colaborações do autor de *Casa Grande & Senzala* à imprensa pernambucana nos anos 1920 e, indubitavelmente, a publicação do *Livro do Nordeste* (1925). No seu argumento, compara o alcance da atividade dos dois intelectuais no contexto considerado:

Inojosa não cria, não elabora, nem articula um projeto. Sua função foi bem mais simples: a de transmitir o recado de uma novidade assimilada com susto. O contraste entre a atitude de Inojosa e a de Gilberto reside na qualidade da elaboração intelectual de suas vivências. Enquanto Gilberto cria mitos novos, Inojosa repete-os. Incorreu em erro Gilberto quando falseou a datação deste Manifesto, sem dúvida. Não era preciso lançar mão desse expediente, quem, anos antes, já tinha criado uma das obras fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, reconhecida por intelectuais de vários espectros ideológicos e de várias latitudes, nacionais e internacionais. (DIMAS, 2004).

Os dois estudos conclusivos apontados reconhecem a importância da documentação apresentada por Joaquim Inojosa, mas não abonam a sua condenação à

atitude de Gilberto Freyre; antes reconhecem o mérito das contribuições do líder regionalista ao movimento cultural da época.

A problemática apresentada até este momento aponta para uma discussão sobre o grau de participação de três personagens – Joaquim Inojosa, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo – na construção da história do modernismo. Além de Inojosa, os outros dois nordestinos construíram autoimagens como modernistas, embora se saiba das suas ligações com o regionalismo. Faz-se necessário, então, recorrer a mais vezes avaliativas e construtoras dessa história, para tentar obter uma visão mais objetiva das respectivas participações. Neste sentido, a voz de Mário de Andrade soa como indispensável, haja vista o seu papel como interlocutor de Inojosa e Cascudo nos anos modernistas, além da importância histórica do texto “O movimento modernista” como avaliação dos vinte anos da Semana de Arte Moderna.

Em sua opinião, Mário de Andrade reputa como altamente determinante do movimento modernista “uma força universal e nacional **muito mais complexa que nós**. Força fatal, que viria mesmo” (ANDRADE, 1978, p. 231. Grifos meus), advinda da conjuntura da modernidade. Esta consideração inicial do artigo amplia as possibilidades de reconhecimento do modernismo como um movimento de abrangência maior do que aquele diretamente derivado da Semana de Arte Moderna de 1922, sem que se deixe de manter o juízo de que a Semana “foi realmente o catalizador da nova literatura” (cf. Candido, 1980, p. 117). Isto significa que o desafio da ruptura com o academismo pode ter surgido também por vias diversas daquelas que os paulistas ofereceram ao país, inclusive em tempo simultâneo, em espaços distintos⁶.

Mário de Andrade identifica São Paulo como o lugar em que se apresentou de modo mais favorável a situação que permitiu o surgimento do modernismo no Brasil, elencando elementos da realidade como o fato de a capital paulista ser uma cidade grande, mas provinciana, e a gratuidade no modo de agir da nobreza regional em estado de decadência. Tais elementos, favoráveis ao movimento dos salões, teriam impulsionado a ruptura do movimento modernista contra o que era a Inteligência nacional. Após a apresentação de fatos que antecederam 1922, até o movimento dos salões, conclui: “E foi da proteção desses salões **que se alastrou pelo Brasil o espírito destruidor** do movimento modernista. Isto é, o seu sentido verdadeiramente específico”. (ANDRADE, 1978, p. 240. Grifos meus). Para esta discussão, interessa questionar sobre a situação favorável ao alastramento do modernismo, partindo da hipótese de que os simpatizantes do modernismo nas diversas regiões, identificados com esse movimento, agiam impulsionados por situações de algum modo comparáveis à situação paulista. Por que nordestinos como Inojosa e Cascudo se identificavam com o modernismo originado em São Paulo; por que Gilberto Freyre se identificou com o modernismo norte-americano?⁷

Um dos traços que se agrega à justificativa marioandradina para o surgimento do modernismo paulista é a existência de um tradicionalismo que, não obstante, era favorável à ruptura com o academismo. Ao apresentar a história dos salões, destaca a culinária tradicional afro-luso-brasileira como um dos aspectos que permitem afirmar que o “(...) culto da tradição era firme, dentro do maior modernismo” (ANDRADE,

⁶ Retomo, neste ponto, a ideia de que o modernismo deve ser visto na sua heterogeneidade, como resultado de um conjunto de fatores contextualizados em situações diferenciadas no tempo segundo a noção de “temporalidades diferenciais”, referida por Perry Anderson: “Tratava-se de uma temporalidade complexa e *diferencial*, em que os episódios ou eras eram descontínuos em relação uns aos outros, e heterogêneos em si mesmos” (ANDERSON, 1986, p. 6).

⁷ Cf. a respeito os estudos de Azevêdo (1984), Barros (1985), D’Andrea (2010), Araújo (1995; 1998), Pallares-Burke (2005) e Ferreira (2008).

1978, p. 239). Neste sentido, não há como não relacionar Câmara Cascudo e Gilberto Freyre nesse movimento de valorização das tradições concomitante ao sentimento do moderno que surgia com a nova situação nacional. No entanto, mais do que a constatação, interessa verificar a diferença de posições, tão gritante entre Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa; tão sutil entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa⁸. Além dos motivos já apontados por Antonio Dimas, ainda a avaliação de Mário de Andrade pode iluminar a compreensão dessas diferenças.

Já na suas conclusões, Mário de Andrade chama a atenção para a necessidade de superação do espírito destruidor, em proveito dos três princípios fundamentais que, segundo ele, caracterizam a realidade brasileira que o modernismo impôs. É possível depreender que essa superação se daria, sobretudo, em função do princípio da estabilização de uma consciência criadora nacional, se verificarmos uma relação de contiguidade entre a realidade apontada na citação seguinte e a necessidade desse princípio: “E já mostrei que o movimento modernista foi destruidor. Muitos porém ultrapassamos essa fase destruidora, não nos deixamos ficar no seu espírito e igualamos nosso passo, embora um bocado turtuveante, ao das gerações mais novas. (ANDRADE, 1978, p. 254-254).

Diante desta realidade, esta análise avalia que a perspectiva do autor de *O movimento modernista em Pernambuco* não lhe permitiu superar o que Mário de Andrade chama de espírito destruidor. É como se esse autor, em 1968/69, estivesse ainda vivendo o espírito dos anos de 1920, sendo incapaz, inclusive, de reconhecer a importância da obra de Gilberto Freyre para a moderna compreensão do Brasil. Soa anacrônico reiterar a reivindicação dos louros do escândalo da divulgação do movimento modernista, passados já quase meio século daquele processo. A posição de Mário de Andrade desabona, por antecipação, a perspectiva laudatória de Inojosa:

(...) Tudo isto são hoje manifestações normais, discutíveis sempre, mas que não causam o menor escândalo público. Pelo contrário, são os elementos governamentais que aceitam a realidade de um Lins do Rego, de um Vila Lobos, de um Almir de Andrade, pondo-os em cheque e no perigo das predestinações. (...) mas recordar é quase exigir simpatia e estou a mil léguas disto. (ANDRADE, 1978, p. 251).

3. Conclusão

Diante dos elementos apresentados, é possível concluir que a participação de Joaquim Inojosa no movimento modernista se deu praticamente no âmbito da divulgação, em um contexto de produção jornalística. As suas cartas endereçadas a Câmara Cascudo, a partir do ano de 1968, permanecem nessa perspectiva.

Para Inojosa, interessava comprovar o conhecimento de um passado “como ele de fato foi”, o que poderia ser atestado nos documentos apresentados em *O movimento modernista em Pernambuco*, perspectiva que contraria a posição de Walter Benjamin (1985) sobre a História.

Gilberto Freyre, ao contrário, construiu um passado forjando um documento (o *Manifesto regionalista de 1926*) com a autoridade de quem já podia se apropriar da história em construção, dado o seu status intelectual no país.

⁸ Câmara Cascudo apresenta, já nos anos 1920, uma posição mais lúcida sobre o modernismo, se comparado ao amigo pernambucano (cf. essa posição na carta de 8 de março de 1925, em que reconhece a liderança de Mário de Andrade: “Eu de mim discordo com a prioridade do Graça no movimento”).

Câmara Cascudo, com a sua visão saudosista, apresenta registros da tradição como um eixo que lhe permitiu o trânsito entre dominantes culturais programaticamente díspares (o Regionalismo e o Modernismo). Sobretudo nos dois últimos intelectuais, parece-nos que a tradição teve a função de reforçar valores estabelecidos

Na análise do material, despontou a perspectiva dos dois missivistas e de Gilberto Freyre sobre a tradição, aspecto que foi confrontado com os indicativos de Mário de Andrade quando da sua avaliação sobre o movimento modernista. A avaliação da participação dessas personagens no movimento analisado levou em conta dois momentos distintos (anos de 1920 e período de 1968 a 1984), mas procurou verificar como o segundo momento refletia melhor o conjunto no contexto do conhecimento acumulado sobre o fenômeno.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. Trad. e apresentação Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução", in: *Novos Estudos Cebrap*. SP: n.14, fev.1986. p. 2-15.

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins, 1978. p. 231-255.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998.

_____. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Editora da UFRN, 1995.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al.]. São Paulo: Editora da UNESP; Hucitec, 1988.

BARROS, Souza. *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*. 2. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. Obras escolhidas, v. 1.

BYINGTON, Sílvia Ilg. Prezados modernistas: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs.) *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 491-517.

_____. No balanço da rede: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade, um território de amizade intelectual. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.) *Histórias de letras: pesquisas sobre a literatura do Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. p.119-144.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2 v.

_____. *Gente viva*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1970.

_____. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.

CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rêgo: modernismo e regionalismo*. São Paulo: Edart, 1961.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. 2. ed. revista e ampliada. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

DIMAS, Antonio. Um manifesto guloso. *Léguas & meia: revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, no 2, 2004, p. 13-30. versão digital: http://www2.uefs.br/leguaemeia/2/2_07-24manifesto.pdf

_____. Prefácio. FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

_____. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e regional* (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2008.

FURTADO, Cristiane Silva. *A cidade e o letrado: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal*. Relatório de Bolsa de Iniciação Científica - FAPERJ, Departamento de História, PUC-Rio, 2004. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/frame.htm>. Acesso em 7 de agosto de 2012.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. (Mestrado em Literatura Comparada) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Tupy, 1968-1969. 3 v.

_____. *Carro alegórico: nova resposta a Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1973.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para seu estudo*. São Paulo: IEB-USP, 1972.

MORAES, Marcos Antonio de. Acordes, contrapontos entrecruzamentos biobibliográficos de Cascudo e Mário. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.p. 370-383.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. (Mestrado em Literatura Comparada) — Programa de Pós-Graduação em História, UFRN, 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.